



## O MESTRE E O FILÓSOFO

Antônio Charles Santiago Almeida  
Universidade Estadual do Paraná

Pretende-se, a partir de uma leitura parcial do pensamento nietzschiano, demonstrar um diálogo com o texto sapiencial *Eclesiastes*. Não se trata de um estudo comparativo, tampouco objetar sobre influências ou coisa do gênero, mas fortuitamente fazer um exercício filosófico de aproximação teológica, mesmo que, para os estudiosos do pensamento de Nietzsche, esta atividade pode parecer, no mínimo, exagerada. Contudo, mesmo correndo o risco de forçar uma relação, as vias estão abertas para um *diálogo interrompido*.

No que se refere ao sermão de o Qoheleth, é possível imaginar, guardado as devidas proporções, uma semelhança com o discurso de Nietzsche (Z Prólogo I), em *Assim Falou Zaratustra*, “por isso, é preciso que eu baixe às profundezas, como fazes tu à noite, quando desapareces atrás do mar, levando ainda a luz ao mundo ífero, ó astro opulento” (NIETZSCHE, 2011, p.05).

O personagem nietzschiano, depois de dez anos na montanha, coloca-se como alguém que se encontra preparado para educar os homens. Contudo, ainda no prólogo já citado, reconhece que a empreitada é difícil: deixar a solidão, depois de dez anos, para estar junto dos homens. E mais, semelhante ao sol que desce, assim ele deve fazer: deixar a montanha e, com suas sabenças, iluminar os incautos, um caminho que, para o filósofo, é bastante difícil.

O professor José Nicolau Julião (2007, p. 75), refletindo sobre o *Prólogo de Zaratustra*, afirma que “a narrativa revela que houve uma transformação substancial em Zaratustra, o qual passa de alguém desiludido para alguém esperançoso, que acumulou sabedoria em excesso, em seus dez anos de exílio, e agora necessita doá-la”.

O manuscrito sapiencial traz à tona um sábio que falou ao povo, exortou a juventude. O discurso não foi, no primeiro momento, de esperança, mas aconselhamentos de um *filósofo pessimista*. Veio de alguém que é conhecedor das coisas do mundo, que é capaz de ensinar e



que deve, a partir de suas vivências, anunciar grandes coisas, no mundo que é somente vaidades! Por isso o Qoheleth afirma: “atentei para todas as obras que se fazem debaixo do sol; e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento” (Ec1:14). Ao final das contas, a vida humana é sofrimento, canseira.

O sol, em ambos os textos, é uma metáfora bastante viva, carregada de símbolos, com imagens pedagógicas. No *Eclesiastes*, por exemplo, é o desenho que mais aparece em todo o texto. Somente a expressão *debaixo do sol* aparece vinte e quatro vezes.

Na obra *Tratado de História das Religiões*, Mircea Eliade (2010) discute longamente sobre a história das religiões, e o capítulo três é dedicado à compreensão do *sol e aos cultos solares*. De acordo com Eliade (2010, p. 113, grifo da autora),

O Sol torna-se assim o protótipo do ‘morto que ressuscita a cada manhã’. atravessa cada noite o império da morte e reaparece no dia seguinte, ele próprio eterno, eternamente igual a si mesmo. O ‘pôr-do-Sol’ não é percebido como uma ‘morte’ [...], mas como uma descida do astro às regiões inferiores, ao reino dos mortos.

No *Eclesiastes*, abaixo do sol, morada dos homens, lugar de sofrimento: vida miserável. O sol é, simbolicamente, o que demarca: acima (divino) e debaixo (humano). Em Nietzsche, Zaratustra conversa com o sol, reconhece o seu poder e, metaforicamente, iguala-se a ele: pretendendo rebaixar-se às profundezas para levar luz. Para Eliade (2010), o sol, no mundo religioso, tem seu lugar de alcance. Para além do religioso, esboça um simbolismo que transpassa civilizações, das remotas até as contemporâneas.

No que compreende a tradução do texto bíblico, emprego livremente aqui, para *Qoheleth*, o termo *Mestre*, diferentemente da tradição recorrente que o traduz como *o pregador*. Mestre porque, conforme o manuscrito, “o pregador, além de sábio, ainda ensinou ao povo o conhecimento; e atentando e esquadrinhando, compôs muitos provérbios” (Ec 12:9).

O conceito de *mestre*, com toda sua riqueza, quase sempre remete a uma terminologia pedagógica, significativa, que pode ser ajuizada como ensinar/aprendendo e aprender/ensinando, ideação do escrito religioso: reunião em assembleia para produção e vivência de saberes, já que, do mestre, “as palavras são como agulhões, e como pregos bem fixados as sentenças coligidas” (Ec 12:11).



O mestre começa seu discurso da seguinte maneira: “palavras do pregador, filho de Davi, rei de Jerusalém” (Ec 1:1). Advoga autoridade, inicia credenciando o mestre como rei e sábio: quem tem poder e sabedoria, tem o dever de ensinar aos mais jovens. O propósito de o Qoheleth é o mesmo de Zaratustra - falar aos homens: levar luz ao mundo inferior. Já que o mestre e o filósofo estão em condições de superioridade, trazem o conhecimento: a boa notícia para viver em um mundo de sofrimento.

É sabido que, para alguns leitores desse texto bíblico, tomados por um sentimento curioso, existe semelhança entre o *Eclesiastes* e as filosofias contemporâneas. Decerto que, passando os olhos, mesmo que de relance, já nos primeiros versículos do manuscrito pode ser observada uma preleção existencialista/pessimista que pulula em aforismos filosóficos: “todas as coisas trazem canseira. O homem não é capaz de descrevê-las” (Ec 1:8), justamente porque a vida é enfado e sofrimento: viver é saber que não há outro caminho, exceto sofrimento, decepção e amargura de um mundo que é mal.

Desobrigado de preconceito, já nas primeiras páginas da obra aqui analisada, o problema proposto pelo mestre para dar cabo de um materialismo filosófico, pontua: “que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol? (Ec 1:3)”. Para muitos, esse trabalho é somente uma tentativa desesperada de sobrevivência e, para outros, acumular riquezas, escravos do lucro. Não há, nesse primeiro momento do texto, nos capítulos iniciais, qualquer sinal de esperança, pelo contrário: há um pessimismo ácido para com a humanidade.

O mestre, no *Eclesiastes*, traz outra miragem à tona, partindo de uma perspectiva social e política: “de novo olhei e vi toda opressão que ocorre debaixo do sol: vi as lágrimas dos oprimidos, mas não há quem o console” (Ec 4:1). Observa-se, aqui, uma preocupação do texto com as mazelas do mundo, fazendo uma denúncia da opressão para com os mais pobres. Por isso, *vi as lágrimas* significa o choro do povo, os gritos dos desalentados.

Pois bem, o *Eclesiastes* é um manuscrito imagético e, por vezes, polemático. No conjunto dos livros bíblicos, configura-se, graças ao seu conteúdo, como um texto que é, de algum modo, auspicioso e diferente de tudo o que existe no interior da bíblia. Mais do que



isso: já nos primeiros capítulos, a obra é, no sentido filosófico, provocante: “(Ec1:3) o que foi tornar-se a ser, o que foi feito se fará novamente; nada há de novo debaixo do sol”. Semelhante pensamento, sem sombra de dúvida, pode ser localizado na filosofia nietzschiana, mais precisamente em *Assim Falou Zaratustra*, (Parte III, o convalescente) “tudo vai tudo volta; eternamente gira a roda do ser. Tudo morre, tudo refloresce, eternamente transcorre o ano do ser” (NIETZSCHE, 2011, p. X).

O nada é novo, em ambos os textos, é bastante simbólico. Esboça um quadro teórico de repetição, sobretudo do cosmos que, infinitamente, repete movimentos finitos. E nesse movimento, encontra-se o homem, que se repete, mas que pode ser diferente, tornar-se o que é, uma perigosa travessia.

Entretanto, no conjunto do pensamento nietzschiano, o filósofo problematiza e inquirir o homem, em *Gaia Ciência* (o maior dos pesos),

E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: ‘Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá que viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é infelizmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem (NIETZSCHE, 2001, p. 341).

A provocação é problemática, sobretudo porque a vida, lançada debaixo do sol, é sofrimento. Mas, devendo voltar a esse mundo, o que dizer, considerando que tudo deve se fazer novamente? O mestre diz que “melhor é o dia da morte do que o dia do nascimento”, na sequência, “melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete” (Ec 7:2), pois a morte é graciosa, seu poder é ensinador.

Zaratustra sabia do seu destino (Z III o convalescente): “eternamente retornarei para a mesma e idêntica vida, nas coisas maiores como nas menores, para que eu volte a ensinar o eterno retorno de todas as coisas” (NIETZSCHE, 2011, p. 181). Mas, com tudo isso, havendo de responder ao demônio de Nietzsche, o que dizer? Para Vattimo (2010, p.10), a discussão pode ser tomada no sentido da moralidade, “devo agir de maneira que eu queira que qualquer



instante de minha vida se repita eternamente”, mesmo considerando todo o dissabor existencial.

No livro *Sobre Verdade e Mentira* (2012), obra inacabada de Nietzsche, o filósofo utiliza de metáfora para discorrer sobre a aventura humana, “em algum remoto recanto do universo, que se desagua fulgurantemente em inumeráveis sistemas solares, havia uma vez um astro, no qual animais astuciosos inventaram o conhecimento” (NIETZSCHE, 2012, p. 25).

A assertiva acima demonstra que o ser humano, uma vez no mundo, qual um animal astucioso, cria o conhecimento para salvaguardar sua espécie, mais do que isso, para demarcar o seu lugar no universo. Contudo, no entendimento nietzschiano, ainda na obra supracitada, foi, de fato, um minuto sublime, mas hipócrita, porque os astuciosos morreram no minuto seguinte (NIETZSCHE, 2012).

Na preocupação do filósofo, é preciso tratar da vida à luz de sua finitude, do momento presente: a vida que é; egrégia, singular. Na obra *Verdade e Mentira*, segundo Marton (2010), a ideia de vida é pouco elaborada, já que não é a preocupação central do texto. Mas é preciso considerá-la, diz a autora, pois existe uma distinção entre vida e instinto de conservação. O filósofo, nessa leitura de Marton (2010), examina o conhecimento e aponta que verdade e a linguagem estão imbricadas nessa tarefa de proteger a vida: “um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas [...]” (NIETZSCHE, 2012, p. 36) que, dentre tantas coisas, aprisionam o homem em mundo de crenças e fantasias.

O mestre, no *Eclesiastes*, afirma: “Geração vai e geração vem; mas a terra permanece para sempre. Levanta-se o sol, e põe-se o sol, e volta-se ao seu lugar, onde nasce de novo” (Ec1:4). O universo permanece, a natureza tem suas regras e, nela, o homem é somente um instante: aquilo que existe e deixará de existir – exclusivamente um efêmero coadjuvante nesse imenso ambiente que é o orbe. Mal sabe o tolo que, de suas ações e crenças, “não haverá memória entre os que hão de vir depois delas” (Ec 1:11).

Os versículos canônicos conversam com o escrito nietzschiano: “houve eternidades em que ele não estava presente; quando ele tiver passado mais uma vez, nada terá ocorrido”



(NIETZSCHE, 2012, p. 25). Mestre e filósofo falam de uma concepção de vida que é efêmera, mas que pode deixar de sê-la: a vida que só tem sentido no bastar-se presente, vida como superação de si, para além da conservação - arranjo do conhecimento, (Z III o convalescente) “pois bem sabem os teus animais, ó Zaratustra, quem és e quem deves tornar-te: es o mestre do eterno retorno – este, agora, é o teu destino” (NIETZSCHE, 2011, p. X).

*Bastar-se* é como *tornar-se*, estão embrincados: o eu basta-se para si, independentemente do cosmos, mas é no cosmos que o *eu* se realiza, superando “aquele que está perdido para o mundo conquista o seu mundo” (Z das três metamorfoses) (NIETZSCHE, 2011, p. 7).

A noção de conhecimento entre o mestre e o filósofo conversa. Em Nietzsche, a ideia posta é que o saber serve como utensílio para os mais fracos sobreviverem no mundo, uma espécie de saber como adaptação. Segundo o filósofo, “o conhecimento é “instrumento auxiliar aos mais infelizes, frágeis e evanescentes dos seres, para conservá-los um minuto na existência; [...]” (NIETZSCHE, 2012, p. 26).

É preciso considerar, nessa relação entre o mestre e o filósofo, o dissenso. Mas antes disso, é bom apontar a relação entre o homem e as leis da natureza: a miserabilidade *versus* a potência do universo, e dessa relação, a vaidade humana. Em Nietzsche, o exemplo é fantástico: “mas se pudéssemos pôr-nos de acordo, com o mosquito, aprenderíamos então que ele também flutua pelo ar como esse *pathos* e sente em si o centro esvoaçante deste mundo” (NIETZSCHE, 2012, p. 26). O universo permanece, repete-se, independentemente de qualquer valor ou juízo. Já o homem, semelhante ao mosquito, é prisioneiro de suas ilusões.

Existem outros pontos que conversam entre os autores aqui já citados, são inúmeros, podendo destacar sobretudo o niilismo. Os comentadores de *Eclesiastes*, para além de uma compreensão teológica, reconhecem a existência de um pensamento niilista no texto sapiencial. Nas palavras de Eaton e Carr (1989, p. 80), ao analisarem os primeiros capítulos de o *Eclesiastes*: “Nas seções anteriores a discussão foi inteiramente niilística. O Pregador critica a criação, a história, a vida e a morte, terminando com um quadro de angústia física e mental. Não há qualquer alusão à formosura, à justiça, nem ao prazer”.



É fato, conforme já apresentados os pontos de conversação. Compete apontar que existem outros tantos pontos que divergem: o dissenso filosófico. Em Nietzsche, é preciso anunciar a morte de Deus, especialmente na obra *Assim Falou Zaratustra*, (Z Prologo I), “será possível que este velho santo na solidão da floresta não ouviu falar que Deus está morto!” (NIETZSCHE, 2011, p. 10)

O mestre, o sábio Salomão, depois de compreender que tudo é ilusão, o mundo é somente vaidade, diz aos homens que, debaixo do sol, não existe outro caminho, se não este: o de temor de Deus, “de tudo que se tem ouvido, a suma é: tema a Deus e guarda os seus mandamentos” (Ec 12:12).

A missão é a mesma: semelhante ao sol, irradiar, sobre os homens, grandes sabenças, nas quais a vida é um grande enfado, emaranhado de sofrimentos. O filósofo, para completar seu propósito, precisar anunciar que Deus morreu e que o homem precisa se tornar o que deve ser. O mestre apresenta que, no mundo de aflições e sofrimento, existe somente um sentido: temer a Deus e obedecer a seus mandamentos. Aqui o mestre se distancia e muito do filósofo, sendo certamente o maior ponto de desencontro, já que, em Nietzsche, o caminho da superação começa com a decretação de que Deus morreu.

O sábio, que outrora foi rei, experimentou de tudo, não negou nada aos seus olhos, disse o Qoheleth, fartou-se de todos os prazeres, adquiriu toda sabedoria do mundo, edificou grandes construções e, mesmo assim, não conquistou o seu dilemático problema, a vida feliz. Por isso, no seu entendimento, o sentido da vida é Deus, pois, segundo ele, “então contemplei toda obra de Deus e vi que o homem não pode compreender a obra que se faz debaixo do sol, por mais que trabalhe o homem para descobrir, não a entenderá” (Ec 8: 17).

### **À guisa de *última palavra***

Neste texto não se pretendeu fazer um estudo exegético do livro sapiencial, tampouco uma leitura sistematizada dos textos do filósofos de Nietzsche. Antes de tudo, buscou-se



pensar, a partir de alguns versículos de o *Eclesiastes* e de excertos do pensamento nietzschiano, sobre pontos que se cruzam no interior de uma filosofia/teologia.

O objetivo, para além de tocar em pontos considerados semelhantes no âmbito da filosófico/teológico, foi deixar impressões de estudo para futuras pesquisas no entorno do cânon judaico e sua relação com a filosofia, já que é plenamente possível pensar no manuscrito bíblico à luz de uma teoria literária.

Decerto que Nietzsche é um autor já consagrado e ocupa um prestígio em qualquer debate, pois seu pensamento tem longo alcance. O *Eclesiastes* é, para muitos cristãos no contexto dos livros bíblicos, um livro obtuso, sobretudo por conta de suas reflexões filosóficas: “todas as coisas são canseiras tais, que ninguém as pode exprimir, os olhos não se fartam de ver, nem se enchem os ouvidos de ouvir” (Ec1:8).

Para o mestre, ninguém lançado no mundo passará incólume aos dissabores existenciais: as ilusões cotidianas. Não há riqueza, não há poder, não há saber que possam aliviar o peso da existência, os dramas humanos: todos, indistintamente, estão debaixo do sol. Uma vez nascidos, diz o Qoheleth, estão condenados ao sofrimento: “todos os rios correrem para o mar, e o mar não se enche” (Ec 1: 7), a vida não se cansa de se reproduzir sofrimentos.

## Referências

ALTER, R. **A arte da narrativa bíblica**. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Revista e ampliada. 6.ed. São Paulo: Paulus, 2010.

ELIADE, M. **Tratado de história das religiões**. Tradução Fernando Tomas, Natália Nunes. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

JULIÃO, J. N. Sobre o Prólogo de Zaratustra. **Cadernos Nietzsche**. n.27, 2007.

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Assim Falou Zaratustra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2011.

\_\_\_\_\_. **Sobre verdade e mentira: no sentido extramoral**. Organização e tradução: Fernando de Moraes Barros. São Paulo. Hedra, 2012.





PASCHOAL, E. **Ficcional, demasiado ficcional**: o “personagem Nietzsche” nos prefácios de 1886. Estudos Nietzsche, Espírito Santo, v.10, n.1, p. 91-114, jan./jun. 2019.

VATTIMO, G. **Diálogos com Nietzsche**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.